

ENSINO PROFISSIONALIZANTE FEMININO – HISTÓRIA DA PRIMEIRA ESCOLA PÚBLICA PROFISSIONALIZANTE MISTA EM SOROCABA: ESCOLA PROFISSIONAL “CORONEL FERNANDES PRESTES”

*Viviane Marques Rocha Sbrana*¹

RESUMO: No final da década de 20, quando a profissionalização do ensino era uma realidade na capital São Paulo, esta prática se ampliava no interior do Estado. Dentro deste contexto, cria-se em Sorocaba a Primeira Escola Pública Profissionalizante Mista – Fernando Prestes (Lei 1860). Interesses políticos e econômicos levam à fundação dessa instituição, pois, desde o século XIX, o intenso crescimento industrial têxtil sorocabano exigia trabalhadores cada vez mais especializados. Diante desse fato, teve início, em 1929, o Curso de Tecelagem naquela escola profissional. O ensino feminino teve o seu currículo direcionado para a formação em Puericultura e Obstetrícia, contando inclusive com um posto médico onde alunas professoras praticavam atendimento à população carente. Na década de 30, outros cursos foram oferecidos, boa parte direcionada à “economia doméstica e às prendas manuais”.

PALAVRAS-CHAVE: Educação feminina; ensino profissionalizante; Escola Profissional “Coronel Fernando Prestes”.

ABSTRACT: At the end of the decade of 20s, when professional training was a reality in the capital of São Paulo, this practice would broaden to the interior of the State. Within this context, it was created in Sorocaba the first Public Professional Coeducational School – Fernando Prestes (according to the law of 1860). Economical and political interests lead to the foundation of this institution, because since the 19th century the intense textile industry development in Sorocaba required more specialized workers. Considering this, in 1929 The Weaving Course started in that professional school. The professional training for women had its curriculum lead to the formation in Puericulture and Obstetrics, and the students could even assist needy patients seeking for medical treatment. In the decade of 30s, other courses were offered, most of them related to home economics and domestic gifts or talents.

KEY-WORDS: Education for women; professional training; Professional School “Coronel Fernando Prestes”.

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso). E-mail:

Esta pesquisa visa contribuir para a discussão da problemática da formação profissional feminina em Sorocaba². Em 1929, quando o ensino profissional já funcionava regularmente, não apenas na capital, mas também em várias localidades do interior, criou-se em Sorocaba a Escola Profissional Mixta. Prevista na lei estadual nº 1860, foi instalada primeiramente em um prédio alugado, na esquina das ruas Barão do Rio Branco e Álvaro Soares. O grande questionamento que se faz em relação aos motivos que levaram à profissionalização feminina nesta cidade, remete-nos a história do desenvolvimento industrial de Sorocaba.

No final do século XIX, com o crescimento da industrialização, Sorocaba ganhou projeção no setor têxtil, exigindo trabalhadores especializados em tecelagem. Criou-se, então, o Curso de Tecelagem na Escola Profissional.

O processo de industrialização no Brasil não se deu nos mesmos moldes daqueles seguidos pelos países capitalistas mais desenvolvidos, predominando em nosso país, até os anos 60 do século XX, uma sociedade predominantemente rural. Segundo Carmen Sylvia Vidigal Moraes (1990, p.188):

A sociedade urbano industrial formou-se nos quadros de uma sociedade agrário-exportadora, baseada na grande propriedade territorial e no trabalho escravo. Ao contrário da realidade analisada por Marx na Inglaterra, os movimentos de expansão do capital ocorrem em uma sociedade escravocrata em decomposição, e a implantação do capitalismo industrial não inclui o período manufatureiro e a desagregação do artesanato. A instalação das unidades industriais no Brasil foi realizada sob padrão da grande indústria, através da importação de equipamentos europeus e, depois, americanos.

Dessa maneira, por não ter experimentado o período manufatureiro, o capitalismo industrial, no Brasil, teve de enfrentar o problema da carência de mão-de-obra, sobretudo da mão-de-obra especializada. Em um primeiro momento, por não ter podido contar com uma mão-de-obra excedente, mulheres e crianças foram para as frentes de trabalho na indústria. Mais tarde, essa mão-de-obra foi sendo lentamente substituída pelos imigrantes europeus. Mas o processo de qualificação necessitava de reconhecimento formal³.

Em meio ao processo de constituição política e econômica, das formas eficazes de controle social, atribui-se ao Estado a tarefa de educar os homens para uma vida democrática, promovendo a capacitação das atividades profissionais, tanto para o setor agrícola, quanto para a indústria emergente. Neste momento histórico da recém-formada República do Brasil, a classe dominante dos cafeicultores, detentores do capital e com forte representação na política republicana, é encarregada de um novo projeto de mudança social. Inegavelmente este projeto possuía uma intensa relação com o capital,

² Pesquisa de dissertação de mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira.

³ Carmen Sylvia Vidigal Moraes (1990), em sua tese de doutorado, discute de maneira aprofundada a questão.

atingindo diretamente a formação do cidadão republicano e, conseqüentemente, a invenção de uma nova escola.

A formação de um cidadão republicano foi alvo de interesse de vários intelectuais do início do século XX. Esse fato pode ser constatado em inúmeros discursos cívicos que foram amplamente utilizados nos processos de implantação das instituições escolares da época. Nagle (1974, p.101) trata deste assunto, destacando que:

o entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico, que tão bem caracterizaram a década de vinte, começaram por ser, no decênio anterior, uma atitude que se desenvolveu nas correntes e idéias e movimentos político-sociais e que consistia em atribuir importância cada vez maior ao tema da instrução, nos seus diversos níveis e tipos.

Nesse contexto, surge em Sorocaba a primeira escola pública mista profissionalizante. Esta pesquisa busca evidenciar a formação profissional feminina nesta cidade, bem como os motivos e interesses voltados para esta formação. Evidentemente, a pesquisa não se limita apenas às diferenças sexuais, posto que o que nos interessa é a forma como essas diferenças foram representadas ou valorizadas, ou seja, o que se disse ou se pensava sobre o papel da mulher e o papel do homem naquele período da história sorocabana. A questão de gênero, assim compreendida, está bem explicitada em Guacira Louro (2002, p.77), uma estudiosa do assunto. Segundo essa historiadora:

Gênero se refere, portanto, ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto, ou seja, ao modo como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico.

Assim, a busca da compreensão da formação profissional feminina em Sorocaba privilegia o conceito de gênero, não ligado ao desempenho de papéis masculinos ou femininos, mas sim ligado à produção de identidades de mulheres e homens em suas relações e práticas sociais. Essas relações e práticas não apenas constituem os indivíduos, como também produzem as formas como as instituições são organizadas e formadas. Nesse sentido, a escola, como espaço social que foi se constituindo e instituindo ao longo do tempo, é um espaço atravessado por representações de gênero.

Nos primeiros contatos com a história da fundação da Escola Profissional Mista de Sorocaba, foi possível encontrar documentos que indicam toda a trajetória da instituição, desde sua criação, em 1929, até os dias de hoje.⁴

Em 1930, a escola passou a chamar-se Escola Profissional Coronel Fernando Prestes e foi desmembrada: a seção feminina foi transferida para um prédio na rua Barão de Mogi

4 Em 5 de fevereiro de 1982, a escola foi integrada ao Centro "Paula Souza" e passou a ter a seguinte denominação: Escola Técnica Estadual "Fernando Prestes" (Decreto n.º 18.421/82).

Mirim e, a masculina, permaneceu instalada no prédio que ficava na esquina das ruas Barão do Rio Branco com a Álvaro Soares.

As turmas femininas passaram a contar, em seu currículo, com a formação em puericultura e obstetrícia. Naquele mesmo ano, em entendimento com a diretoria da Estrada de Ferro Sorocabana, a escola passou a oferecer o Curso Ferroviário, para homens. Esse curso passou a ser um dos mais procurados da cidade. Outros cursos valorizavam o ensino profissionalizante: Mecânica de Máquinas, Fundição, Desenho de Plantas e Marcenaria. Também eles exclusivos para a profissionalização da mão-de-obra masculina. Para atender ao público feminino, foram oferecidos cursos de Corte e Costura, Flores e Chapéus, Rendas e Bordados.

Oliveira (1995), em seu livro “Tudo Começou na Escola Profissional”, relata o seu entendimento em relação à relevância e importância da instituição em tela, quando, em 1932, nela se formou em marcenaria. Nas palavras desse memorialista e ex-aluno da escola:

Em 1929 um grande acontecimento marcava o início, de modo incipiente, da formação de jovens de ambos os sexos para o nosso já soberbo parque industrial. Dizemos incipiente, situando-nos no presente. Mas, para aquela época, fora o que de melhor recebêramos dos poderes estaduais. E, com enorme variedade de cursos, num tempo em que até para Corte e Costura nossas jovens conterrâneas se abalavam para a Capital, viera em hora certa aquela Escola, não exigindo Vestibular, nem grande preparo, – bastando que o aluno fosse alfabetizado (...). Para homens, uso bastante proveitoso: o de os pais fazerem dos filhos seus ajudantes... Com a criação da Escola, houve um entrosamento desta com a Estrada de Ferro... E não tardaram os ótimos frutos: a direção da Sorocabana, equiparando os alunos da Profissional aos do Curso Ferroviário, abria as portas de suas vastas oficinas para os formados nas diversas modalidades de Mecânica, Marcenaria e Desenho-Técnico. Nas Usinas de Volta Redonda, desde o nascedouro, quanto ex-alunos foram esplendidamente aproveitados! E quer em grandes ou peque nas indústrias; montando suas próprias oficinas; engajados no magistério ou até no setor a viatório, o variado conhecimento básico adquirido na Fernando Prestes era o abre-te Sésamo para o futuro (p. 13).

A pesquisa histórica dessa instituição remete-nos à sua importância como experiência humana, na medida em que busca compreender a identidade das pessoas e das classes. A existência humana, a criação de seus valores, a formação dos sujeitos sociais são acontecimentos históricos e formam uma memória coletiva. Recuperando as experiências vividas, estamos construindo a memória. Le Goff (1979, p.81), discutindo a relação entre história e memória, ressalta a importância da recuperação da memória coletiva:

a memória, onde cresce a história que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Com essas palavras de Le Goff, que bem expressam a compreensão que tenho da pesquisa histórica e da sua relação com a memória, encerro a apresentação da pesquisa e anuncio o alcance que, espero, ela venha a ter.

REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jacques (org). **Memória e história**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1979.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e magistério: identidade, história, representação. In: CATANI, Denice Bárbara et al. (Org.). **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 2002.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. **A socialização da força de trabalho**: instrução popular e qualificação profissional no Estado de São Paulo – 1873 a 1934. 1990. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo : EPU/MEC, 1974.

OLIVEIRA, Afonso Celso de. **Tudo começou na escola profissional**: o ensino industrial em Sorocaba como matriz da formação para o trabalho no Brasil e na América Latina. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras; Prefeitura Municipal de Sorocaba; SEC; FAGED; Conselho Municipal de Cultura, 1995.

